

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**O ECOTURISMO COMO AÇÃO SOCIOAMBIENTAL:
UMA PROPOSTA À VILA MINAS DO CAMAQUÃ/RS.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Taís da Silva Garcia

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

O ECOTURISMO COMO AÇÃO SOCIOAMBIENTAL: UMA PROPOSTA À VILA MINAS DO CAMAQUÃ/RS.

Taís da Silva Garcia

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Barcellos da Rosa

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Curso de Especialização em Educação Ambiental**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia

**O ECOTURISMO COMO AÇÃO SOCIOAMBIENTAL: UMA
PROPOSTA À VILA MINAS DO CAMAQUÃ/RS.**

elaborada por
Taís da Silva Garcia

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Ambiental

COMISSÃO EXAMINADORA

Marcelo Barcellos da Rosa, Dr.
(Presidente/Orientador)

Damaris Kirsch Pinheiro, Dr. (UFSM)

Isis Samara Ruschel Pasquali, Msc. (UFSM)

Santa Maria, 22 de fevereiro de 2013.

Precisamos dar um sentido humano às
nossas construções. E, quando o amor
ao dinheiro, ao sucesso nos estiver
deixando cegos, saibamos fazer pausas
para olhar os lírios do campo e as aves
do céu.

Érico Veríssimo

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Universidade Federal de Santa Maria

O ECOTURISMO COMO AÇÃO SOCIOAMBIENTAL: UMA PROPOSTA À VILA MINAS DO CAMAQUÃ/RS.

AUTORA: TAÍS DA SILVA GARCIA
ORIENTADOR: MARCELO BARCELLOS DA ROSA
Data e local da defesa: Santa Maria, 22 de fevereiro de 2013.

Juntamente com o modelo de desenvolvimento econômico que vem acontecendo, estão também os problemas socioambientais. Diante disto, a educação ambiental através de momentos de reflexão busca mudanças de pensamentos e atitudes. Assim, este trabalho tem como principal objetivo discutir sobre o ecoturismo como uma importante ferramenta da educação ambiental. O mesmo apresenta reflexões entorno das inter-relações entre desenvolvimento, educação ambiental e turismo. Para a realização deste trabalho foram consultados livros e materiais sobre os assuntos pertinentes, realizada saída de campo até a Vila Minas do Camaquã, e um levantamento fotográfico. Propõe-se, então, uma ação de educação ambiental para ser realizada com os alunos da Especialização em Educação Ambiental da UFSM, com atividades de sensibilização em sala de aula e também no local de estudo. A ação tem como objetivo proporcionar aos alunos momentos para reflexão sobre os conteúdos vistos em sala de aula, e também o desenvolvimento do pensamento crítico dos futuros educadores. Também foi formatado um folder para ser entregue aos alunos durante a visita, com informações sobre a Vila e sobre alguns pontos visitados. Além da prática, este trabalho buscou discutir as contribuições do ecoturismo para o desenvolvimento do local que se encontra praticamente abandonado. Por se caracterizar como uma proposta, este trabalho é apenas a exposição de uma prática possível que objetive qualificar a formação dos alunos da Especialização.

Palavras-chave: Educação ambiental. Ecoturismo. Minas do Camaquã.

ABSTRACT

Specialization Monograph
Post Graduate Course in Environmental Education
Federal University of Santa Maria

THE ECOTOURISM AS ENVIRONMENTAL ACTION: A PROPOSAL TO THE VILLAGE OF MINAS DO CAMAQUÃ/RS.

AUTHOR: TAÍS DA SILVA GARCIA
ADVISOR: MARCELO BARCELLOS DA ROSA
Date and local of defense: Santa Maria, February 22, 2013.

Along with the economic development model that has been going on, are also environmental problems. Given this, the environmental education through moments of reflection seeks change of thoughts and attitudes. This work has as main objective to discuss ecotourism as an important tool for environmental education. The same features reflections around the interrelationships between development, environmental education and tourism. For this work were consulted books and materials on subjects pertinent held field trip to the village of Minas do Camaquã, and a photographic survey. It is proposed, then an action for environmental education to be conducted with students of the Specialization in Environmental Education UFSM with awareness activities in the classroom and also in the study site. The action aims to provide students time for reflection on the contents seen in the classroom, and also the development of critical thinking of future educators. It was also formatted a brochure to be delivered to students during the visit, with information about the village and some points visited. Besides practice, this study sought to discuss contributions of ecotourism to local development of the site it's practically abandoned. Because it is characterized as a proposal, this work is only exposing a practice with the objective of to qualify students Specialization.

Keywords: Environmental Education. Ecotourism. Minas do Camaquã.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Análise sistêmica do contexto socioambiental.....	13
Figura 02 -	Mapa de localização do Distrito de Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul/RS	20
Figura 03 -	Mina Uruguai a céu aberto.	23
Figura 04 -	Vista externa e interna de uma das galerias de acesso a Mina São Luiz.....	24
Figura 05 -	Vista externa e interna de uma das galerias que se encontra alagada.....	24
Figura 06 -	Vila Minas do Camaquã	25
Figura 07 -	Cine Rodeio	26
Figura 08 -	a) Pedra da Cruz, Minas do Camaquã; b) As quatro elevações em forma de capuz; c) Prainha as margens do Arroio João Dias.....	30
Figura 09 -	a) Pedra do Engenho; b) Antigas edificações de beneficiamento do cobre e a Pedra do Engenho ao fundo; c) Vista do alto da Pedra do Engenho	31
Figura 10 -	Equipamentos utilizados para extração e transportes dos minérios.....	32

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Parte interna do folder.....	40
Anexo B – Parte externa do folder.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
2.1 Da crise socioambiental a Educação Ambiental	11
2.2 O Ecoturismo como uma ferramenta da Educação Ambiental	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 Área de estudo	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1 História e formação da Vila Minas do Camaquã	22
4.2 A ação com os alunos	27
4.3 Potencial da Vila Minas do Camaquã para o Ecoturismo	30
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

Há anos a humanidade tem explorado os “recursos” naturais sem preocupação alguma. Segundo Pellegrini (1993, p. 17) somente “no final da década de 1960, depois de terem sido dados alguns alertas, a humanidade tomou consciência dos abusos cometidos contra a natureza, em nome do crescimento econômico”.

As questões ambientais têm recebido cada vez mais importância nas últimas décadas. A exploração desenfreada do patrimônio natural, visto como fonte de recursos, imposta pelo modelo de desenvolvimento vigente apresenta como resultados problemas ambientais em escala mundial. Torna-se evidente que a relação estabelecida ao longo dos séculos entre o homem e o meio ambiente precisa ser reavaliada para que se garanta a qualidade de vida na Terra da geração atual e das futuras.

Dentro deste contexto, surge a Educação Ambiental com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a problemática socioambiental, buscando a preservação do patrimônio natural e a formação de indivíduos conscientes, oferecendo caminhos distintos a serem seguidos, mas com um mesmo propósito, enaltecendo a relação harmônica e respeitosa entre o ser humano e natureza.

Minas do Camaquã é um “distrito mineiro” localizado no município de Caçapava do Sul, RS, que se desenvolveu devido à exploração do cobre durante mais de um século. Para atender as necessidades dos funcionários que trabalhavam na exploração foi criada a Vila Minas do Camaquã pelo Grupo Pignatari, até hoje é possível ver as edificações, no entanto, muitas se encontram abandonadas.

Assim, restou à Vila sérios problemas socioambientais, e esse trabalho busca propor o desenvolvimento de uma prática com os alunos, onde eles possam aliar teoria de sala de aula com a prática, e também levantar as potencialidades da Vila e discutir como o ecoturismo pode auxiliar no desenvolvimento da Vila Minas do Camaquã, e outros locais com degradação parecida, visando o aproveitamento e valorização do patrimônio natural e cultural de áreas que sofreram danos irreversíveis e atualmente se encontram sem perspectiva de recuperação.

Portanto, a problemática central deste trabalho é discutir o ecoturismo como uma importante ferramenta de disseminação da Educação Ambiental, tendo como

objetivo geral propor uma ação de educação ambiental para ser realizada na Vila Minas do Camaquã, localizada no município de Caçapava do Sul, RS, como modelo para melhor aprendizagem.

O estudo tem como objetivos específicos:

- a) Analisar como se desenvolve a educação ambiental aliada ao ecoturismo;
- b) Pesquisar a história e a formação da Vila Minas do Camaquã;
- c) Propor uma ação de educação ambiental para ser realizada com os alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e;
- d) Elaborar um folder para ser entregue aos alunos durante a ação.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Da crise socioambiental a Educação Ambiental

Como resultado da busca intensa por progresso, desenvolvimento e crescimento econômico a partir da ordem industrial, o homem provocou sérios problemas que hoje levam a uma crise socioambiental. Acredita-se que a crise ambiental vai muito além das questões ambientais, é uma crise da sociedade, dos valores. Segundo Leff (2011) a crise ambiental veio para questionar o crescimento econômico, a racionalidade e os paradigmas teóricos que o impulsionaram e legitimaram, negando a natureza.

A questão iniciou quando o homem passou a ver a natureza como fonte de recursos, e não como um ser que faz parte dela. O homem considera-se soberano a natureza, e a vê como uma fonte de recursos a serem explorados e utilizados, visando o desenvolvimento e crescimento somente econômico, quando a natureza deveria ser vista e reconhecida como um patrimônio que deve ser respeitado.

Bauman (2001, p. 163) expõe que:

Na visão pré-industrial da riqueza, “a terra” era uma totalidade desse tipo – por inteiro, junto com os que a cultivavam e aravam. A nova ordem industrial e a rede conceitual que permitiu a proclamação do advento de uma sociedade diferente – industrial – nasceram na Grã-Bretanha; e esta se destacava entre seus vizinhos europeus por ter destruído seu campesinato, e com ele a ligação “natural” entre terra, trabalho humano e riqueza. (grifo do autor)

Segundo o mesmo autor, a grande transformação ocorreu na nova ordem industrial com a separação dos trabalhadores de suas fontes de existência, deixando de realizar produções e trocas. Houve a destruição da ligação natural que o homem tinha de terra – trabalho – riqueza.

Com a destruição da ligação natural e a nova ordem industrial, o homem passou a trabalhar nas grandes fábricas com maquinários volumosos e muitos operários. Um dos nomes mais citados desta época é o de Henry Ford que criou um novo ideal e a maioria dos empresários o seguiram, uniu capital e trabalho como um casamento, com objetivo de deter a mobilidade do trabalho. O trabalhador dependia do emprego para sobreviver e o capital dependia de empregar para crescer. A essa ligação trabalhista, Bauman (2001, p. 168) denomina de mentalidade de “longo

prazo”, pois um jovem que começava a trabalhar numa grande fábrica, provavelmente iria terminar sua vida profissional no mesmo lugar. Já hoje em dia a relação é da nova mentalidade de curto prazo, o autor afirma que “a vida de trabalho está saturada de incertezas” (Ibid., p. 169).

Essas incertezas são forças individualizadoras, o interesse comum perde valor, não há solidariedade e as pessoas passam a sofrer com o descaso e desvalorização de sua vida em detrimento do capital. A ideia de trabalhadores unidos enfraqueceu. E assim o capital vai transformando também a vida e as relações entre as pessoas.

Bauman (2001, p. 184) diz que se vive em um mundo onde as condições de vida baseiam-se em:

[...] *falta de garantias* (de posição, títulos e sobrevivência), da *incerteza* (em relação a sua continuação e estabilidade futura) e de *insegurança* (do corpo, do eu e de suas extensões: posses, vizinhança, comunidade). (grifo do autor)

Essa condição de vida precária faz com que homens e mulheres vejam o mundo como um contêiner de objetos descartáveis, objetos para serem consumidos somente uma vez jogados fora, assim como as relações humanas. Bauman (2001) faz uma comparação com as oficinas mecânicas de hoje em dia, onde os mecânicos são treinados para trocar as peças e não para consertar. E essa comparação se aplica a vida, além das peças, as pessoas também são substituíveis, “[...] laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem *consumidas*, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo” (Ibid., p. 187), tanto nas relações pessoais como nas trabalhistas.

Assim, as pessoas estão se tornando cada vez mais inseguras, irritáveis e intolerantes buscando a satisfação imediata tanto na vida pessoal como no trabalho, deixando de lado a construção de laços humanos duradouros. Bauman (2001) aponta que no mundo de hoje as pessoas estão cada vez mais distantes e o consumo é uma das causas, pois para consumir ninguém precisa de ajuda ou companhia, ainda mais nos dias atuais, onde as pessoas realizam suas tarefas com muita pressa e muitas vezes nem dão atenção ao que estão fazendo. O autor classifica o consumo como uma atividade solitária, já a produção requer cooperação,

seja ela de força bruta ou na divisão de trabalho que demanda de diversas habilidades especializadas, cooperadas num objetivo em comum.

Além de explorar o patrimônio natural, vendo-o somente como fonte de recursos, as pessoas estão cada vez mais distantes uma das outras, as culturas estão sendo perdidas, e o consumo entra como salvação para resolver os problemas.

Segundo Dias (2004, p. 96), o consumo é estimulado pela mídia, que cria necessidades desnecessárias, “tornando as pessoas amarguradas ao desejarem ardentemente algo que não podem comprar, sem perceber que viviam muito bem sem aquele objeto de consumo”.

Os problemas ambientais são consequências diretas das opções de desenvolvimento, eles começaram a ser percebidos nas décadas de 1960/70. Dias (2004, p.95) coloca que:

Os modelos de “desenvolvimento” vigentes, impostos pelos sete países mais ricos por meio de diversos processos e instituições, como o Sistema Financeiro Internacional, o FMI, o Banco Mundial e outros, e das suas influências nos sistemas *políticos*, de *educação* e *informação*, em quase todo o mundo, legaram-nos uma situação socioambiental insustentável, como foi concluído na Rio-92. (grifo do autor)

Um modelo onde o principal objetivo é o lucro a qualquer custo, e para isto há um aumento na produção que precisa ser consumida. Esse aumento na produção reverte-se numa enorme pressão sobre o patrimônio natural, gerando uma maior degradação ambiental que acarreta diretamente na perda de qualidade de vida, conforme Figura 01.

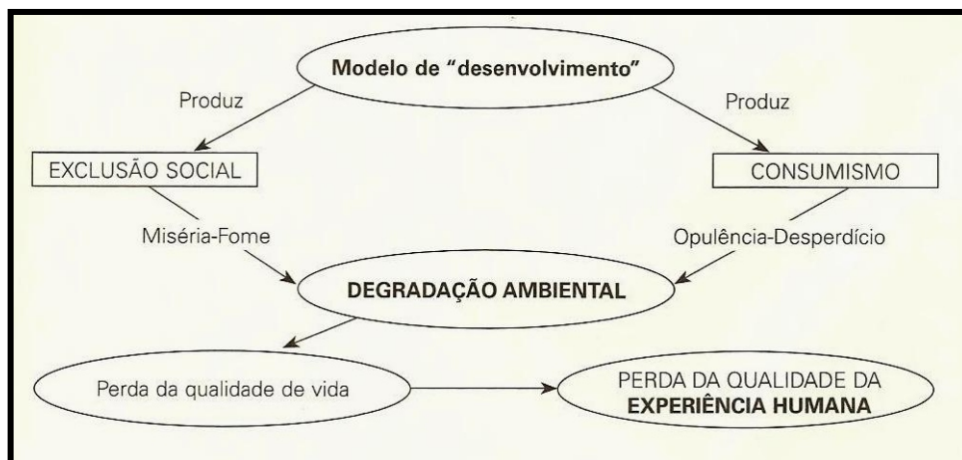


Figura 01 – Análise sistêmica do contexto socioambiental.
Fonte: DIAS, 2004.

Gerou-se então um modelo de desenvolvimento insustentável, onde diariamente percebem-se graves e profundas crises socioambientais, econômicas e políticas a nível mundial.

Para sair dessa situação, a promoção do Desenvolvimento Sustentável salta da utopia para assumir o papel de estratégia para a sobrevivência da espécie humana, e a EA passa a representar um importante componente dessa estratégia, em busca de um novo paradigma, de um novo estilo de vida [...] (Ibid., p.97).

Para avançar além da discussão teórica do desenvolvimento sustentável outros assuntos também precisam ser abordados, como: o respeito com o próximo e com a natureza, o consumo consciente, e os objetivos econômicos que as nações e o ser humano buscam.

Para alcançar mudanças significativas, a política tem um papel fundamental. Porém, vê-se atualmente políticas que promovem ações econômicas orientadas pelo uso intensivo do patrimônio natural com o objetivo de aumentar a produção, o consumo e a riqueza.

O desenvolvimento sustentável busca, além da dimensão econômica, a dimensão sociocultural, melhorar a qualidade de vida humana sem exceder as capacidades dos ecossistemas que sustentam a vida na Terra. Ele não tem como objetivo terminar com o desenvolvimento, mas escolher um caminho que garanta o desenvolvimento integrado e participativo, buscando, além da valorização do patrimônio natural, o seu uso racional e a equidade social.

O desenvolvimento sustentável é um tema amplamente debatido e com diversos conceitos, mas a maioria dos críticos e defensores acaba convergindo em ideias que buscam melhorar a qualidade de vida para toda a população através do equilíbrio entre as dimensões econômica, social, institucional, territorial e ambiental.

Dentro deste contexto, a educação ambiental propõe a formação de indivíduos com uma visão crítica do seu entorno, auxiliando na formação do caráter e da personalidade de cada cidadão. Ela é o caminho para mudança de uma sociedade mais justa.

Para Novo (2007, p. 361) uma educação assentada sobre princípios emancipatórios pode ser considerada parte das soluções na medida em que favorece três questões básicas:

- A atitude crítica sobre os valores do passado e do presente.
- Os saberes científicos, éticos e criativos para ajudar a tornar o mundo cada dia melhor.
- A perspectiva que nos orienta para um futuro com equidade intergeracional e harmônica com a natureza.

Assim, a educação neste contexto engloba algumas das problemáticas colocadas anteriormente, na busca por um lugar melhor para viver, com equidade, e respeito para com a natureza. A educação é a base para as mudanças que precisam acontecer.

Para alterar o padrão desenvolvido imposto, onde o homem é superior a natureza e a domina e utiliza como deseja, a educação ambiental surgiu como integradora, pois:

[...] pretende superar o modelo de dominação próprio do mundo moderno, ao contemplar os seres humanos <na> natureza (como parte dela) e não <frente à> natureza (como seus <donos>) (Ibid., p. 394, grifo do autor).

A educação ambiental é uma forma das pessoas conscientizarem-se sobre os problemas socioambientais, para que elas conheçam e busquem soluções para melhorar seus hábitos e atitudes, o que leva a gerar mudanças no comportamento pessoal. Segundo Carvalho (2008) a educação ambiental pretende reposicionar o ser humano no mundo.

A educação ambiental propõe para a sociedade um novo olhar e um pensar diferente, mudar conceitos impostos pelo tempo e pelas práticas inadequadas. A educação ambiental baseia-se em um processo de formação e informação sobre as questões socioambientais formando uma consciência crítica, de extrema necessidade nos dias atuais.

A Educação Ambiental é parte do movimento ecológico. Surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Nesse sentido, podemos dizer que a EA é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. A formulação da problemática ambiental foi consolidada primeiramente pelos movimentos ecológicos. Estes foram os principais responsáveis pela compreensão da crise como uma questão de interesse público, isto é, que afeta a todos e da qual depende o futuro (CARVALHO, 2008, p. 51).

A educação ambiental é a base para mudanças no comportamento humano. A consciência gerada na humanidade através dessa educação leva às transformações indispensáveis, tanto no âmbito ambiental como no social. Faz-se

necessário uma “autorreforma” (NOVO, 2007, p. 360), uma reforma que passa pelo interior das consciências e das práticas individuais, para chegar numa reforma social.

2.2 O Ecoturismo como uma ferramenta da Educação Ambiental

Diante da busca por alternativas econômicas mais sustentáveis, o turismo é uma das atividades mais importantes em nível mundial. Além de auxiliar na geração de divisas econômicas, tem grande influência no desenvolvimento dos países e regiões, especialmente daqueles locais que ficaram alijadas do modelo clássico de desenvolvimento baseado no uso intensivo de recursos naturais (AGUIAR, 2007). Assim, o turismo, impulsionado pela procura de lazer, por conhecer novos lugares e culturas, pode representar uma alternativa sustentável de desenvolvimento local.

Grande parte das atividades turísticas está ligada à busca dos turistas por lugares que proporcionem contato com a natureza (BRUHNS, 2009). No entanto, muitas vezes o crescimento desordenado dessas atividades, dentro da lógica de mercado, tem desenvolvido um modelo de turismo insustentável, com diferentes níveis de degradação ambiental e de perda das identidades culturais.

Para se contrapor a este turismo massivo e indesejado, outras tipologias de turismo, como o ecoturismo, buscam o desenvolvimento sustentável local a partir do contato e respeito com a natureza, com a preservação da biodiversidade e com a inserção da comunidade.

[...] ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações (BRASIL, 2008, p. 16).

O termo ecoturismo surgiu em 1983, derivado de turismo ecológico utilizado por Hector Ceballos-Lascurain. O arquiteto mexicano lutava, na época, pela conservação das florestas e por estratégias para manter a integridade dos ecossistemas através do turismo ecológico (MENDES *et al.*, 2007, p. 106).

O ecoturismo é uma dimensão do turismo na natureza Possui, entre suas principais características, um caráter educativo trabalhando a percepção e a importância de conservar a natureza. Há uma vasta discussão teórico-conceitual sobre o assunto, mas “observa-se que em sua maioria, existem três elementos que

compõem o chamado „tripé“ do Ecoturismo: a garantia da Conservação Ambiental, a Educação Ambiental e Benefícios às Comunidades Receptoras” (NEIMAN; SARACENI; GEERDINK, 2010, p. 529).

O ecoturismo proporciona uma reflexão a respeito da natureza e seus recursos, e os nossos hábitos cotidianos em relação aos mesmos. Também incentiva aos praticantes a refletir sobre a sustentabilidade.

Segundo Coriolano (2006, p. 39) o ecoturismo pode ser definido como,

[...] um tipo de turismo desenvolvido em localidades de grande potencial ecológico, de forma preservacionista, procurando conciliar a exploração do turismo com o meio ambiente ou harmonizar as atividades de lazer com a natureza. É o lazer que oferece aos visitantes um contato direto com os recursos naturais e as culturas das regiões visitadas, buscando, sobretudo uma consciência ecológica.

Além de lazer e entretenimento, o ecoturismo proporciona a aproximação e o contato com a natureza e com culturas distintas, e a reflexões e questionamentos sobre a separação que a sociedade passou, onde o ser humano passou de integrante do meio ambiente a um ser superior, que vê o patrimônio natural única e exclusivamente como fonte de recursos a serem usados e explorados.

O ecoturismo possui como principal motivação a observação e o aprendizado com a natureza e com a cultura das regiões, proporcionando uma transformação individual, onde cada pessoa se aproxima da natureza respeitando as diferenças, ouvindo e vendo a natureza e a cultura do local, destacando-se assim o caráter educativo da atividade.

“Deve ser planejado e orientado visando o envolvimento do turista nas questões relacionadas à conservação dos recursos que se constituem patrimônio” (BRASIL, 2008, p. 17).

As comunidades que desenvolvem o ecoturismo acabam realizando um grande trabalho de preservação da biodiversidade local, pois para realizarem as atividades turísticas elas precisam das áreas naturais. A atratividade do patrimônio natural e cultural não pode ser a causa de sua degradação.

Mendonça e Neiman (2002 *apud* Oliveira 2011, p. 191) afirmam que “o ecoturismo deve se assumir como um setor da sociedade capaz de transformar e, com isso, contribuir para uma mudança de paradigma”.

Dentro dessa visão, o ecoturismo desenvolve uma proposta educacional e conservacionista, pois além dos cuidados de preservação com o meio ambiente, também valoriza as populações locais.

A discussão de um novo modelo de gestão do turismo que garanta a preservação do patrimônio natural e cultural dos territórios é uma necessidade que se impõe hoje, tanto para o setor público como para o privado. Algumas décadas de um turismo de massa, baseado no uso intensivo de recursos paisagísticos e culturais, contribuíram para que alguns países estejam sofrendo com os resultados negativos das práticas insustentáveis. Diversos locais de destino turístico já apresentam uma diminuição desse potencial devido ao impacto ambiental e o desgaste do capital natural.

É importante salientar que ecoturismo e turismo sustentável não são sinônimos. Ecoturismo é um segmento do turismo, e turismo sustentável constitui os princípios aplicáveis para todos os tipos do turismo em qualquer destino.

Dentro do ecoturismo, a interpretação ambiental atua com o propósito de sensibilizar e conscientizar em relação às questões ambientais. Para isso é necessário explicar para os visitantes o significado do atrativo turístico, proporcionando o entendimento do ambiente, despertando a atenção e o interesse em relação à natureza e a cultura.

As mensagens transmitidas aos turistas proporcionam reflexões, percepções e mudanças. Assim, a sensibilização e a conscientização fazem com que a interpretação torne-se uma estratégia de educação ambiental.

3 METODOLOGIA

Este trabalho buscou na pesquisa bibliográfica o embasamento para contextualizar a história da Vila Minas do Camaquã, e como ocorreu sua formação. Conjuntamente, foi realizada uma saída de campo até a localidade e, através de conversas informais com os atuais moradores, se obteve informações mais detalhadas sobre o local e sua história. Além disso, foi efetuado um levantamento fotográfico do patrimônio arquitetônico da Vila, das belezas naturais e da área de mineração desativada.

Neste trabalho é proposta uma ação de educação ambiental para ser desenvolvida com os alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria, considerando que o curso possui um bom quadro de disciplinas teóricas, sem uma ênfase na parte de vivências e práticas educacionais, seja da linha formal ou não-formal. Para elaborar a prática ambiental a ser realizada com os alunos, utilizaram-se dados e informações pesquisadas sobre a Vila, bem como materiais e aprendizados adquiridos durante as aulas da Especialização em Educação Ambiental.

Por se caracterizar como uma proposta, ela não possui resultados finais da sua aplicação, mas está focada na descrição de uma atividade prática de educação ambiental, a qual poderá ser aplicada junto as turmas futuras.

A prática ambiental projetada poderá consistir em dois momentos, um em sala de aula e o outro em uma saída de campo. No primeiro momento os alunos deverão receber um material com informações sobre a história da Vila para leitura, e deverão assistir a um vídeo que conta como ocorreu a formação da Vila.

Já o segundo momento deverá ser uma saída de campo até a localidade para observar como se encontra atualmente. Durante a saída de campo os alunos deverão receber um folder com informações sobre a Vila Minas do Camaquã, e também deverá ser proposto que eles registrem a visita através de fotografia e/ou anotações.

Retornando a sala de aula, deverá ser feita uma reflexão sobre a relação do ser humano com a natureza, abordando questões sobre desenvolvimento econômico e desenvolvimento sustentável. No final os alunos deverão elaborar um texto em conjunto que expresse a visão resultante de todo o processo.

O folder, que deverá ser entregue aos alunos, foi elaborado baseando-se na pesquisa feita sobre a Vila. Cada ponto a ser visitado durante a trilha teve uma breve descrição no folder, e também foram utilizadas fotografias para ilustrar. Por tratar-se de um local com grande importância histórica, optou-se por uma arte com aparência antiga. O objetivo do folder é proporcionar algumas informações para os alunos sobre os pontos que eles estarão visitando na Vila.

3.1 Área de estudo

Minas do Camaquã é o 3º Distrito do município de Caçapava do Sul e localiza-se a aproximadamente 60 quilômetros da sede (Figura 02); faz divisa com o município de Santana da Boa Vista.

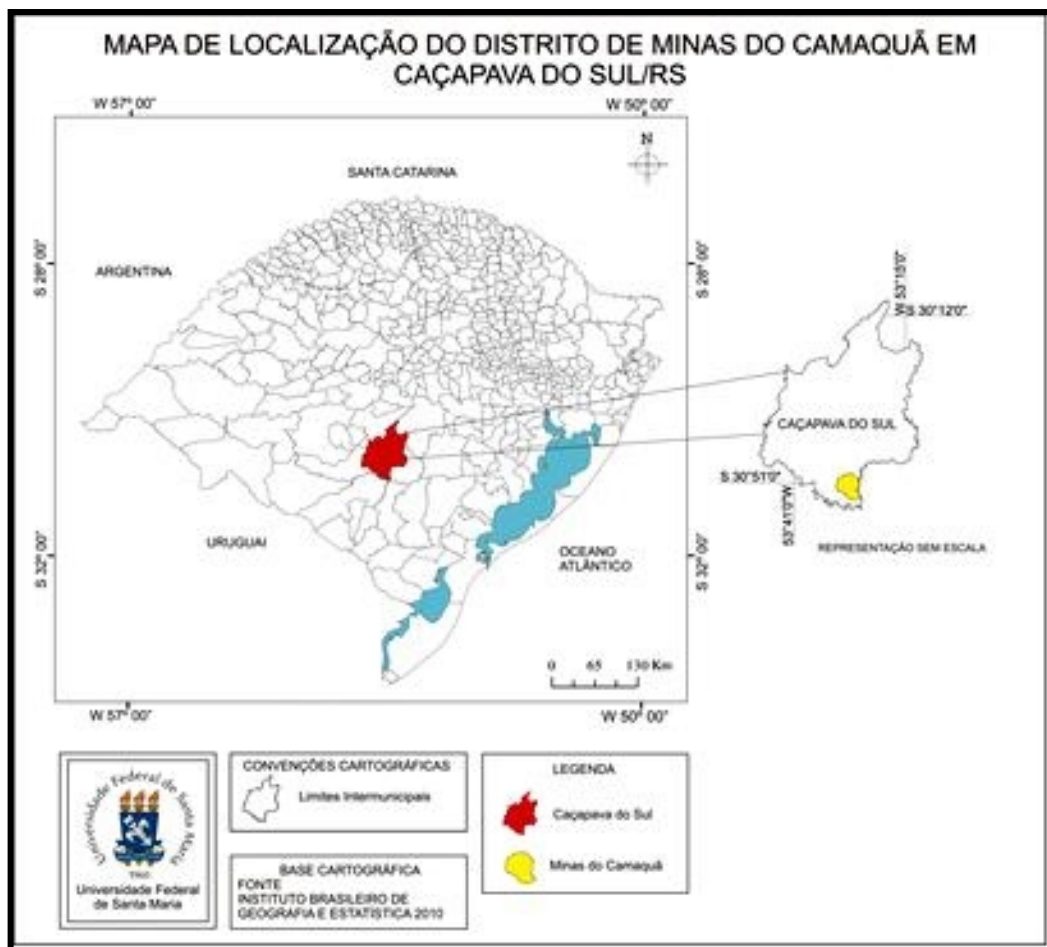


Figura 02 - Mapa de localização do Distrito de Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul/RS.
Fonte: DAMBROS, 2012.

O município de Caçapava do Sul está localizado na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, e faz parte do Alto Camaquã.

Devido às limitações do quadro físico, as principais atividades econômicas desenvolvidas nesta região são atividades de baixo insumo tecnológico e fraco rendimento econômico, se comparadas aos processos produtivos desencadeados na porção centro-norte do Estado, pela lavoura mecanizada. Destacam-se na região especialmente a agropecuária e a mineração.

A metade sul do Estado do RS é rotulada por muitos como uma região atrasada, não desenvolvida, por não estar adequada ao desenvolvimento dos agronegócios. Porém, esta região possui um potencial social, cultural e ambiental que são primordiais para impulsionar o desenvolvimento local através do ecoturismo.

Atualmente, a Vila se encontra praticamente abandonada, residem na localidade aproximadamente 300 pessoas que são ex-funcionários da atividade mineira, trabalhadores de fazendas das redondezas e suas famílias, e algumas casas são utilizadas como local de veraneio de famílias de Caçapava do Sul, em sua maioria.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 História e formação da Vila Minas do Camaquã;

[...] atualmente a vila e infra-estrutura das minas do Camaquã encontram-se praticamente abandonadas, constituindo um museu ao ar livre dos paradoxos da sociedade industrial” (RONCHI; LOBATO, 2000, p. 360).

O distrito mineiro, como esse é conhecido, desenvolveu-se devido à exploração do cobre que iniciou em meados de 1865 por mineiros ingleses que exploraram a área até aproximadamente 1887. A partir de 1888 iniciou uma segunda fase na exploração por empresários alemães, que foram desestimulados a continuar a exploração em 1899 devido ao aumento no preço dos transportes e a queda no preço do cobre. As atividades retornaram em 1901 comandadas por uma companhia belga, que também finalizou a exploração por uma nova queda no valor do cobre em 1908.

Entre os anos de 1928 e 1940 realizaram-se vários estudos exploratórios que resultaram na criação da Companhia Brasileira do Cobre (CBC) em 1942, tendo como principais acionistas o Estado do Rio Grande do Sul e o Grupo Pignatari; em 1957 esse Grupo passou a controlar a CBC até 1974 quando o Governo Federal comprou a empresa. No ano de 1975, a exploração foi suspensa, sendo retomada em 1981 utilizando técnicas mecanizadas, mas o teor de cobre ficou abaixo das projeções. Em 1988, a CBC foi colocada a leilão, mas como não foi arrematada acabou sendo comprada por seus funcionários que criaram a Bom Jardim S.A. que levou as atividades mineiras até 1996 quando ocorreu o esgotamento total das reservas.

Uma estrutura autossustentável foi criada na Vila Minas do Camaquã pelo Grupo Pignatari, para atender as necessidades dos funcionários que trabalhavam na exploração. Havia água potável e uma Usina Hidrelétrica própria. As edificações (casas, cinema, hospital, Igreja, escola) existem ainda hoje, no entanto, muitas se encontram abandonadas. Além da infraestrutura da Vila, também se encontram abandonadas as Minas de extração de cobre que compreendem duas áreas: a mina Uruguai a céu aberto (Figura 03), e a mina subterrânea São Luiz (Figura 04).

A atividade de mineração aconteceu no local devido às características geológicas e geomorfológicas. Nesta área, há a ocorrência de depósitos de minerais

oriundos de formações vulcânicas e/ou plutônica da formação inicial da Terra, como cobre, ouro e prata, sendo uma das regiões de maior concentração de minerais do Estado (PAIM, 2009).

“Do ponto de vista geomorfológico o Escudo Cristalino Sul rio-grandense apresenta-se como uma área de forte rebaixamento e predominância de meteorização física e química” (VIEIRA 1984 *apud* DEGRANDI; FIGUEIRÓ, 2012, p. 181).

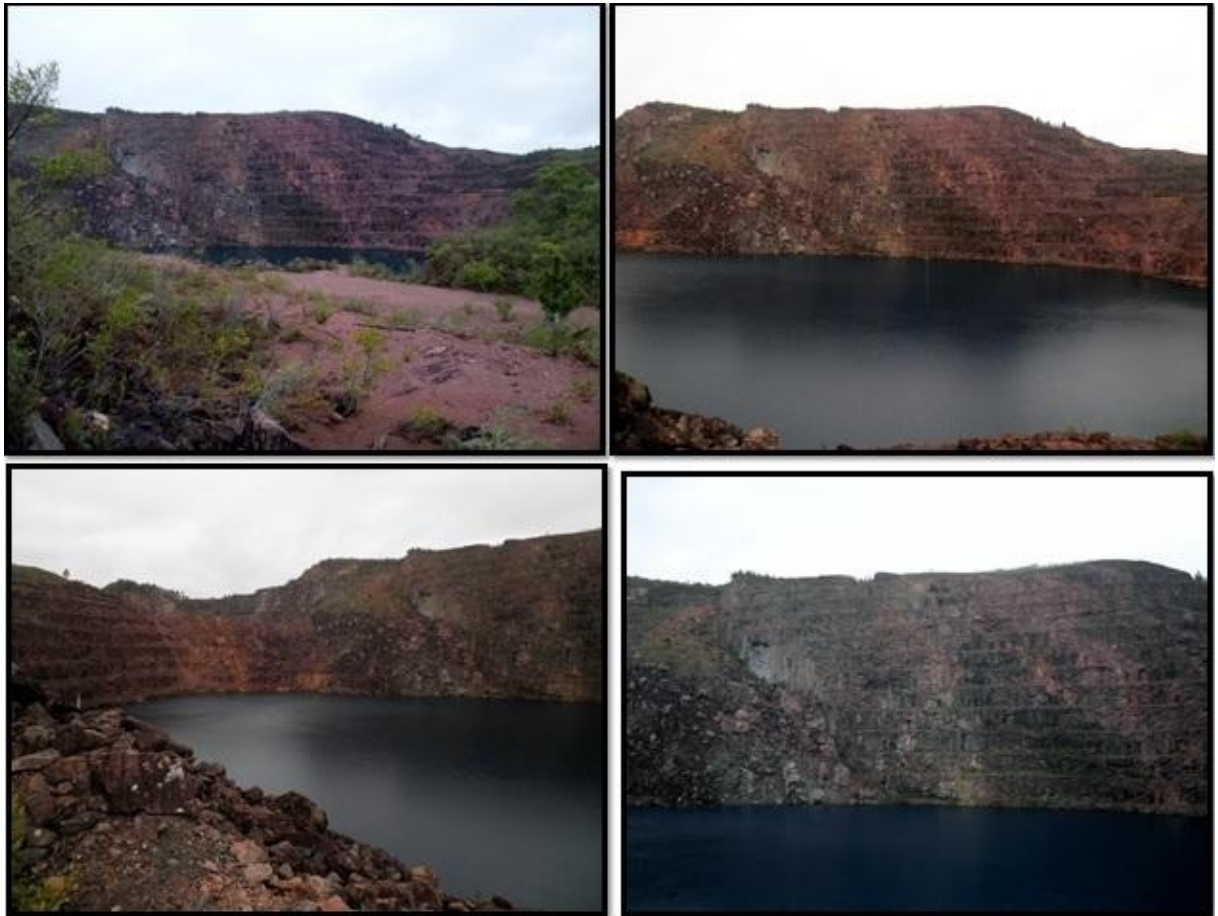


Figura 03 – Mina Uruguai a céu aberto.
Fonte: acervo da autora.

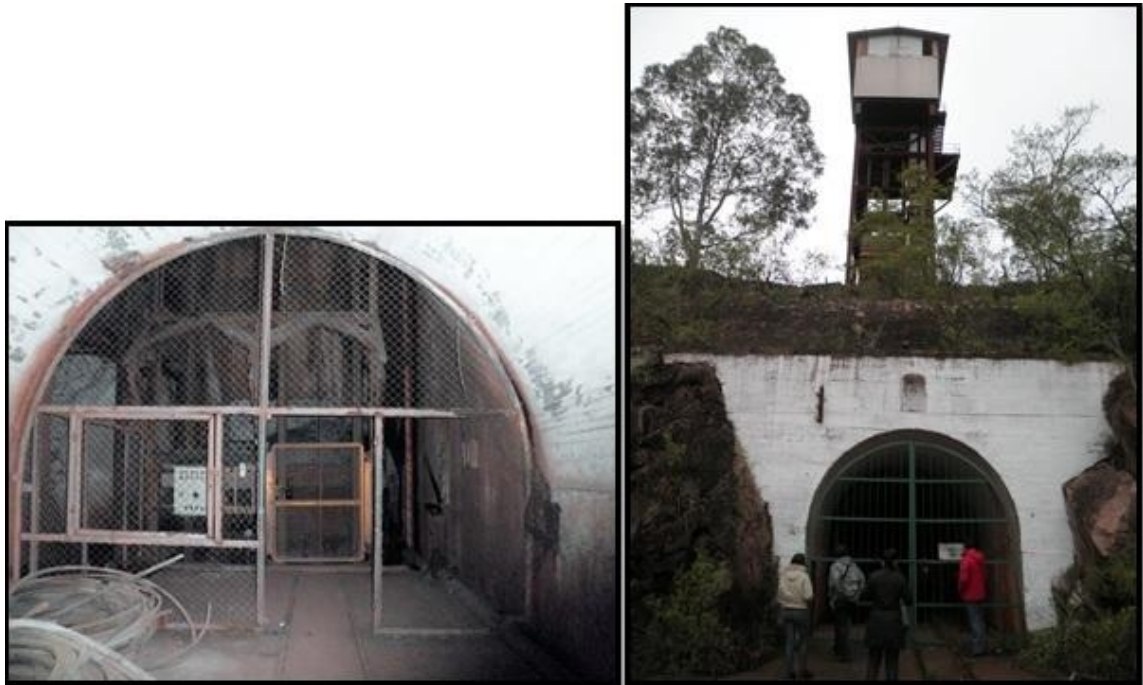


Figura 04 – Vista interna e externa de uma das galerias de acesso a Mina São Luiz.
Fonte: acervo da autora.

Algumas galerias de acesso a Mina São Luiz encontram-se alagadas (Figura 05), pois há comunicação com a Mina Uruguai e a água acabou invadindo as galerias.



Figura 05 – Vista interna e externa de uma das galerias que se encontra alagada.
Fonte: acervo da autora.

A Vila Minas do Camaquã (Figura 06) teve seu desenvolvimento econômico baseado na mineração. Em 1971, a atividade de beneficiamento do minério alcançou 1500 toneladas/dia (PAIM, 2009). A disponibilidade de minérios trouxe investidores estrangeiros até o local, e a região tornou-se um marco histórico da mineração de cobre não só no Rio Grande do Sul, mas em todo Brasil.



Figura 06 – Vila Minas do Camaquã.
Fonte: acervo da autora.

No auge da mineração, residiam na Vila em torno de cinco mil moradores. Eram os funcionários da mina e suas famílias, que contavam com uma infraestrutura muito bem organizada para atendê-los. Havia as residências familiares (de acordo com o cargo ocupado), hospital, igreja, cinema (Figura 07), um Centro de Tradições Gaúchas, um clube e usinas de beneficiamento de minério.



Figura 07 – Cine Rodeio.
Fonte: acervo da autora.

Após o esgotamento das reservas, quando a atividade chegou ao fim, o desenvolvimento econômico da Vila cessou, pois a mesma não possuía nenhum outro tipo de atividade e muitos moradores acabaram deixando o local em busca de outra opção. Hoje, a Vila pode ser considerada como uma área estagnada.

Um das poucas atividades econômicas que se tem na Vila é o turismo Religioso/Científico. O local possui, além da área de mineração desativada, espécies endêmicas de flora e fauna.

Os esotéricos consideram a região o 5º ponto de Energia do Brasil. O Projeto Portal, liderado pelo parapsicólogo Jurandir Oliveira, realiza trabalho de campo relacionado ao esoterismo, na bacia de rejeitos (local onde era destinado o rejeito do processo de beneficiamento do cobre), pois diz que naquela área aberta há mais energia e assim um maior resultado nas atividades desenvolvidas (informação verbal).¹

¹ Conversa informal com o Sr. Paulo Pavão e sua esposa Sra. Guacira, proprietários da Pousada e Restaurante Bellamina.

Muitos foram os resultados negativos que a atividade mineira deixou no local, principalmente relacionados aos problemas ambientais referentes aos impactos causados, como a Mina Uruguai a céu aberto, e toda transformação da paisagem que ocorreu na área onde era feita a extração. Outro ponto é a barragem de rejeitos construída em 1981 às margens do Arroio João Dias, local onde o rejeito de mineração era depositado. Ela fazia a retenção dos metais pesados na área de contenção e apenas libera a água em excesso, para o Arroio João Dias. Com o intuito de diminuir a erosão das margens, a CBC plantou exemplares de uma espécie de pinheiro.

4.2 A ação com os alunos

Muitos sítios mineiros abandonados estão sendo aproveitados para o desenvolvimento de outras atividades, como o turismo e projetos educacionais. Assim, a escolha da Vila Minas do Camaquã para a prática proposta, se deu devido a todo processo histórico, de desenvolvimento e de transformação da Vila, que possui questões socioambientais relevantes até hoje.

Então, é proposta uma prática ambiental para ser realizada com os alunos da Especialização em Educação Ambiental da UFSM, na Vila Minas do Camaquã.

As práticas ambientais são recursos em que se utiliza a educação ambiental com o objetivo de introduzir a temática ambiental, permitindo ampliar a percepção ambiental de cada indivíduo, favorecendo a mudança de valores, crenças e atitudes em relação ao meio ambiente. Também promove o conhecimento, que auxilia a desenvolver novos caminhos para melhorar a qualidade de vida e promover a preservação do patrimônio natural.

Modelo da prática:

Como o objetivo da prática ambiental proposta neste trabalho é proporcionar uma reflexão crítica, que busca a autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico dos futuros especialistas, o plano de trabalho da atividade desenvolvida, deverá seguir os seguintes passos: 1) diagnose; 2) sensibilização; 3) mobilização; 4) ação ambiental.

1) Diagnose:

O público-alvo é os alunos do curso de Especialização em Educação Ambiental da UFSM, mas pode ser adaptado para qualquer outro grupo. Este trabalho deve proporcionar aos alunos que desenvolvam uma prática onde tudo o que foi estudado em sala de aula pode ser observado e discutido, qualificando a formação dos mesmos. Através de discussões em sala de aula e uma saída de campo eles deverão ser levados a fazer uma reflexão sobre as problemáticas socioambientais que permeiam a educação ambiental.

2) Sensibilização:

A etapa de sensibilização deverá ser dividida em dois momentos. O primeiro constará de atividades em sala de aula, deverá ser entregue material para leitura que relate a história da Vila, também deverão ser exibidas fotos antigas e um vídeo contando a história da Vila, que pode ser encontrado com o Senhor Paulo Pavão, proprietário da Pausada Bellamina.

O segundo momento deverá ser uma saída de campo até a Vila, onde os alunos deverão ser estimulados a observar a realidade do local contrapondo com o que foi visto em sala de aula. Poderá ser realizada uma trilha pela Vila, os alunos deverão visitar diversos pontos, e deverão receber o folder (anexo).

No folder há sucintas informações sobre a Vila, baseadas na pesquisa feita sobre a sua história, e também uma breve descrição e ilustração com fotografias sobre os pontos que os alunos deverão estar visitando. O

Seria interessante que o professor que pretender desenvolver a prática seguisse o seguinte roteiro de trilha:

Na chegada a Vila, os alunos deverão ser recepcionados na pousada Bellamina, localizada próxima às antigas edificações utilizadas para o beneficiamento do cobre. Após a recepção, o primeiro ponto a ser visitado deverá ser a Pedra do Engenho de onde eles poderão avistar toda a Vila. Deverão seguir até a Vila onde poderão observar as casas dos funcionários, o clube, o hospital, o cinema, a praça, e percorrer as ruas da Vila. Após poderão ser levados as proximidades da barragem de rejeitos, que tem ao seu entorno grandes plantações de eucaliptos. O último ponto a ser visitado deverá ser a antiga área de mineração que se encontra desativada. Lá eles poderão observar as entradas para a Mina São Luiz, e o lago da Mina Uruguai assim como toda a paisagem da área de mineração, com sua beleza e sua degradação.

3) Mobilização:

Deverá ser proposto aos alunos para que durante a visita eles registrem, através de fotografias e/ou anotações o seu olhar socioambiental sobre a Vila, visando novas possibilidades para o local.

A fotografia é um registro mecânico do real, ela pode ser o resultado de uma investigação. A imagem resultante da fotografia é uma representação, é a construção interpretativa de um referente, “é o compromisso de apresentar as evidências de uma verdade” (MICHELON, 2007, p. 193).

A autora coloca que “Nesse contexto de tecnologias que operam sobre o sentido da visão e sobre a percepção do mundo a fotografia surge como a *verdade do mundo em imagens*” (Ibid., p. 192).

A fotografia pode traduzir em imagem o sentimento que um determinado lugar ou paisagem inspira no fotógrafo.

4) Ação:

No retorno da visita, já em sala de aula, os alunos deverão ser convidados a refletir sobre a relação indivíduo, sociedade e natureza, e os estilos de desenvolvimento que se observa ao longo dos anos, conforme referenciado na parte 2.1 da revisão bibliográfica deste trabalho.

O objetivo é que a discussão provoque reflexões nos alunos que lhes permitam indicar as consequências ambientais e sociais que a atividade mineira deixou na Vila, e nas pessoas, que eles verificaram e perceberam. Como o abandono do local deixando os funcionários a deriva, e como não possuía nenhuma outra atividade, transformou-se em uma Vila “fantasma”. A barragem de rejeitos, a grande área de eucaliptos, e a transformação da paisagem na área de mineração, que através da extração criou-se um lago, muito bonito, mas artificial, que é a Mina Uruguai.

Deverão ser questionados também sobre suas contribuições para transformação dessa realidade em que a Vila se encontra, dentro da perspectiva do desenvolvimento local e sustentável.

Deverá ser proposta a elaboração de um texto (artigo) em conjunto que expresse a visão socioambiental que o grupo colheu com a visita, fazendo que a temática tratada possa servir como aprendizado de uma prática socioambiental para

os educandos. No texto também deverão ser destacadas as fotos mais significativas, feitas e escolhidas pelo grupo.

4.3 Potencial da Vila Minas do Camaquã para o Ecoturismo

Na Vila Minas do Camaquã, além de toda infraestrutura presente, pode-se destacar os atrativos naturais: Pedra do Engenho e Pedra da Cruz. Possuem boa acessibilidade para a realização de trilhas e observação da paisagem. A Pedra da Cruz (Figura 08a) está situada entre os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, às margens do Arroio João Dias, constituindo o primeiro, de uma curiosa sequência de quatro elevações em forma de “capuz” (Figura 08b), quando vistos em perfil (Ronchi *et al.*, 2000). As margens da antiga Barragem do Arroio João Dias, na base da Pedra da Cruz, encontra-se a “prainha” (Figura 08c), visitada por banhistas durante o verão.

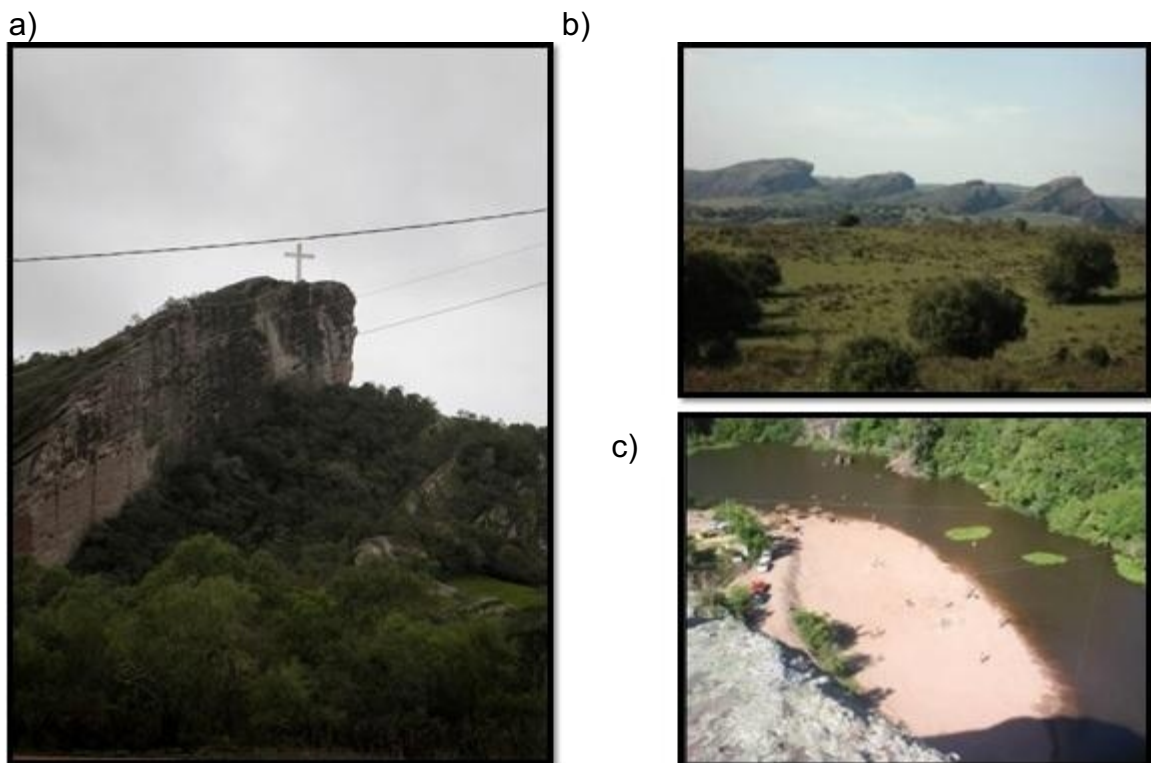


Figura 08 – a) Pedra da Cruz, Minas do Camaquã; b) As quatro elevações em forma de capuz; c) Prainhas as margens do Arroio João Dias.

Fonte a: acervo da autora; b: DEGRANDI, 2011; c: <<http://www.panoramio.com/photo/6804306>>.

A Pedra do Engenho (Figura 09a) localiza-se ao lado de antigas edificações utilizadas para o beneficiamento do cobre (Figura 09b); é uma área com grande

diversidade de cactáceas que se encontram sobre os afloramentos rochosos (DEGRANDI, 2011). Do alto da Pedra é possível avistar a Vila (Figura 09c).

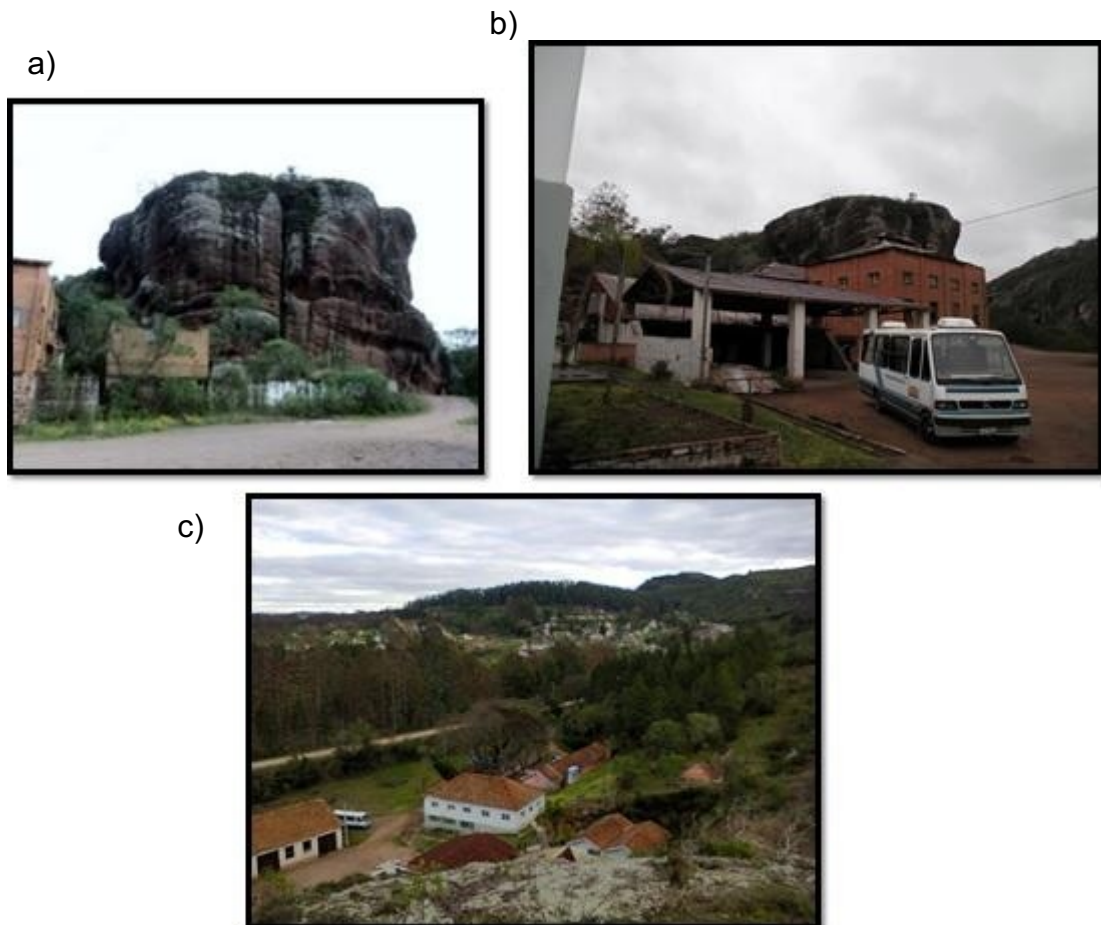


Figura 09 – a) Pedra do Engenho; b) Antigas edificações de beneficiamento do cobre e a Pedra do Engenho ao fundo; c) Vista do alto da Pedra do Engenho.
Fonte a: DEGRANDI, 2011; b e c: acervo da autora.

A Vila Minas do Camaquã possui, além de um conjunto arquitetônico, os atrativos e mirantes naturais, e a “prainha”. Além de antigos equipamentos utilizados na época da extração, que se encontram expostos na praça da Vila (Figura 10). Já na área da mineração há as minas desativadas.



Figura 10 – Equipamentos utilizados para extração e transportes dos minérios.
Fonte: acervo da autora.

As belezas naturais somadas à história da Vila constituem um importante atrativo para o ecoturismo, onde é possível através do histórico desenvolver trilhas e atividades de educação ambiental, e também resgatar e preservar a memória do local.

As edificações que se encontram fechadas constituem um potencial para desenvolver uma nova atividade na Vila. O antigo “Cine Rodeio”, localizado na praça central da Vila, através de um processo de restauração, poderia transformar-se em um museu, contando a história do local através de equipamentos, fotos e vídeos que alguns ex-funcionários das minas possuem. Outro ponto para ser visitado é a casa de Francisco Matarazzo Pignatari, conhecido como “Baby Pignatari”, construída em 1968, é a melhor casa, e faz parte da história da Vila, mas atualmente se encontra fechada. Assim como muitas outras edificações que contam a história da Vila e, por se encontrem fechadas, com o passar dos anos estão cada vez mais degradadas.

Alguns moradores, ex-funcionários da CBC, já estão despertando para este novo potencial que é o turismo, e a Vila já possui um antigo prédio reformado que

funciona como pousada. Anexo a ele há outro prédio que é o restaurante que atende hóspedes e visitantes.

O turismo pode ser um forte aliado para o desenvolvimento local da Vila Minas do Camaquã. A partir do momento em que a própria comunidade reconhece as riquezas naturais e culturais que possui, ela pode planejar alternativas para utilizar esses potenciais para o seu desenvolvimento e ao mesmo tempo elaborar métodos para a preservação dos mesmos, estimulando também a autoestima da comunidade. Rezende & Rezende (2006 *apud* Filho *et al.*, 2010, p. 832) apontam que é importante “educar e conscientizar a população sobre a necessidade de fortalecer a cultura local, os princípios morais e os valores éticos”.

A palavra desenvolvimento é compreendida por muitos como sinônimo de progresso, bem-estar e crescimento econômico. Segundo Sato (2001) a palavra tem uma conotação estritamente econômica, porém no dicionário de língua portuguesa é compreendida como tirar o envoltório, romper com o entorno.

Se fosse aplicada esta definição à sociedade, entende-se que para o homem e a sociedade evoluírem é preciso romper com seu envoltório, no sentido de romper com a sua cultura, seus saberes, sua tradição, os quais são considerados como empecilhos para a sociedade desenvolver-se, e precisam ser rompidos.

Sendo assim, potencializar o desenvolvimento local é proporcionar crescimento a uma comunidade sem que a mesma precise “livrar-se” da sua cultura e dos seus saberes tradicionais. O desenvolvimento local busca a subsistência da população justamente com o que ela tem de essencial, de único. Além disso, busca preservar os aspectos socioculturais e ambientais que servem de base para o desenvolvimento local a partir da valorização e aproveitamento do seu patrimônio.

O desenvolvimento local baseia-se, acima de tudo, no desenvolvimento humano que fortalece a capacidade de organização e inclusão social através das potencialidades e particularidades que se encontram presentes nas localidades e que fazem parte do capital social destas (DEGRANDI, 2011, p. 26).

Tendo como objetivos a melhoria da qualidade de vida, a equidade social e também a movimentação econômica de uma localidade, associada a preservação ambiental, o desenvolvimento local é hoje uma alternativa de grande importância, pois ao pensar numa escala local ele dá maior autonomia à comunidade, ela se torna diferenciada pelos seus aspectos singulares evidenciados, fugindo dos padrões globalizados de desenvolvimento e consumo.

Leroy (2005 *apud* Sato, 2005, p. 43) afirma que “a perda das raízes e da identidade está muito ligada à perda de uma relação com o meio ambiente”.

Alguns fatores que são vistos como negativos no mundo capitalista, na perspectiva do desenvolvimento local são considerados primordiais, pois devido a eles é possível manter essas características específicas como a tradição, os saberes tradicionais, as relações com a paisagem e a cultura.

O ecoturismo é uma importante ferramenta para alcançar o desenvolvimento local, para isso precisam estar articulados, com o mesmo objetivo, a comunidade local, o setor público e o setor privado. A partir do momento em que os agentes locais mantêm ou reconstróem seus laços com as raízes e identidades locais conseguem alcançar uma relação harmônica e respeitosa com o meio ambiente.

O diálogo e a cooperação entre a comunidade e com as associações, o poder público e os empresários, leva a uma autogestão, onde a própria comunidade vai gerenciar o seu desenvolvimento. Através da educação, tanto a comunidade como os visitantes, são levados a fazer uma reflexão para com o meio ambiente e com a cultura.

É importante que se compreenda que estes valores intrínsecos às comunidades receptoras são sua assinatura, seu verdadeiro atrativo, assim, sua transformação bem como a perda do caráter histórico-cultural promove sua desvalorização e sua desmobilização social (OLIVEIRA, 2011, p. 190).

Muitas comunidades já reconheceram e perceberam a importância de preservar os seus patrimônios naturais e culturais, até como atrativos singulares, e trabalham para passar isto aos turistas.

É possível perceber que a homogeneização dos lugares por meio da imposição dos padrões de consumo globalizados, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento econômico do setor hoteleiro e turístico e oportuniza a inserção desta localidade no mercado turístico global, fragiliza e exclui os valores tradicionais da cultura local que paradoxalmente apontariam seu valor diferencial em um mundo que se padroniza (OLIVEIRA, 2011, p. 191).

Não se pode negar o forte impacto ambiental das atividades de mineração, porém, uma boa alternativa seria a recuperação ambiental e/ou dar uma nova destinação para as áreas degradadas pela mineração e o aproveitamento do potencial natural para o desenvolvimento do ecoturismo, de atividades educacionais e de pesquisa, auxiliando o desenvolvimento sustentável da localidade.

5 CONCLUSÃO

Através desta pesquisa pode-se constatar que as marcas da exploração de cobre na Vila Minas do Camaquã gerou problemas ambientais e sociais. Houve uma alteração na paisagem local, a Vila foi praticamente abandonada pelos moradores, ex-funcionários, e há a barragem de rejeitos. Muitas pessoas desconhecem esse local histórico, mas as marcas do tempo ainda estão lá, as edificações, alguns funcionários para contar histórias, e essas características são próprias do local, podendo impulsionar um modelo de desenvolvimento alternativo.

Muitas pesquisas estão sendo realizadas no local, tanto para a busca de novos locais para retomar a exploração, como no levantamento de espécies botânicas endêmicas, como das potencialidades locais. A Vila Minas do Camaquã apresenta particularidades ambientais, históricas e culturais que podem se constituir em importantes elementos para o desenvolvimento local, através de um turismo de baixo impacto. Nesse sentido, a discussão sobre as alternativas de ecoturismo pode atuar como uma importante ferramenta no processo de desenvolvimento endógeno, contribuindo para a manutenção da identidade local e de toda a diversidade social e ambiental.

Dentro desta perspectiva, o ecoturismo sinaliza positivamente o processo de mudança de atitudes e dos valores humanos de posse e consumo, através da tomada de consciência dos visitantes ao estabelecerem um contato mais direto com a natureza e com as populações tradicionais, por meio da percepção e interpretação da paisagem.

Para que tudo isso aconteça é necessário fortalecer as organizações da sociedade civil e o seu diálogo com os governos. São indispensáveis a força e vontade política, tanto dos cidadãos como do governo, para efetivar os acordos sociais e ambientais, através de políticas públicas que possibilitem se reverter os impactos do atual modelo de desenvolvimento. Já à sociedade civil cabe o dever de intervir no debate sobre as políticas nacionais e internacionais, que devem ter como objetivo propostas que reorientem as tendências econômicas, comerciais, financeiras e educacionais.

Além do ecoturismo, a Vila possui potencial para o desenvolvimento de atividades acadêmicas, contribuindo com estudos e pesquisas. Assim, através de

uma proposta de uma ação de educação ambiental, que compreende as atividades em sala de aula aliadas a saída de campo, com utilização de material informativo, como o folder, criado por este estudo é possível contribuir com a formação dos alunos da Especialização em Educação Ambiental da UFSM, proporcionando também o conhecimento deste local que teve uma grande importância na história do Rio Grande do Sul e Brasil.

Através da discussão feita no último momento da ação, os alunos poderão compreender as consequências que o desenvolvimento econômico já deixou em alguns locais, como a Vila. O estudo feito sobre o potencial da Vila para o ecoturismo possibilitará conhecimento para eles contribuírem com o desenvolvimento local da Vila.

Assim, a prática ambiental vem contribuir com a formação dos futuros educadores que buscam mudanças na sociedade através da educação ambiental, estimulando-os a promoverem reflexões e atitudes. Os alunos estarão exercendo uma prática de educação ambiental, que contribui para a apreensão do conteúdo visto em sala de aula, e desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o assunto.

A educação ambiental contribui para uma nova visão frente aos efeitos do atual modelo de desenvolvimento, pois como Novo (2007) aponta, a educação é uma prática social transformadora. Cada dia que passa mais pessoas estudam e trabalham pela causa socioambiental, e novas propostas para um desenvolvimento sustentável estão surgindo, onde a mudança principal deve ocorrer primeiramente na sociedade para que possa alcançar o ambiente.

O homem precisa reavaliar sua relação com a natureza e com os demais seres humanos, onde o respeito com os outros e com a natureza é a base para uma verdadeira transformação social e ambiental, em prol de uma vida com melhor qualidade para todos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G. M. Turismo, desenvolvimento local e integração regional. In: SEABRA, G. (Org.) **Turismo de Base Local: Identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Editora universitária - UFPB, 2007.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 62p.

BRUNHS, H. T. **A Busca pela Natureza: turismo e aventura**. Barueri: Manole, 2009.

CARVALHO, I. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Bases Conceituais do Desenvolvimento e do Ecoturismo. In: **Turismo e ambiente: temas emergentes**/Org. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz. Campinas: Alínea, 2006.

DEGRANDI, S. M. **Ecoturismo e interpretação da paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local?** 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

DEGRANDI, S.; FIGUEIRÓ, A. Patrimônio Natural e Geoconservação: a geodiversidade do município gaúcho de Caçapava do Sul. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 173-196, maio/ago., 2012.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

FILHO, M.; NASCIMENTO, R.; SEGRE, L. ¿Cuál es el papel del turismo en el desarrollo local? Un análisis crítico del cluster turístico de Santa Teresa – RJ, Brasil. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 19, n. 5, p. 812-834, sept., 2010.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução: Lúcia Mathilde Orth. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MENDES, A. et al. Ecoturismo, preservação e desenvolvimento local: algumas considerações. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, ANO I, n. 2, p. 105-109, jul./dez., 2007.

NEIMAN, Z.; SARACENI, R.; GEERDINK, S. Levantamento quali-quantitativo da produção científica sobre Ecoturismo no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 528-555, set., 2010.

MICHELOM, F. F. O mundo reconstruído em prata revelada: a discussão da fotografia como recurso e resultado do olhar investigativo. In: **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**/Orgs. Maria do Carmo Galiazzi, José Vicente de Freitas. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. (Coleção Educação em Ciências)

NOVO, M. **El Desarrollo Sostenible. Su dimensión ambiental y educativa**. Madrid: McGraw Hill, 2007.

OLIVEIRA, C. Ecoturismo como prática para o desenvolvimento Socioambiental. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 184-195, maio, 2011.

PAIM, P. Minas do Camaquã, RS – Marco da história da mineração de cobre no Brasil. **Sítios Publicados**, Brasília, v. 1, SIGEP, p. 501-510, 2009. Disponível em: <<http://www.ig.unb.br/sigep/sitio064/sitio064.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2012

PELLEGRINI, A. F. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.

Projeto Doces Matas: IEF - IBAMA - Fundação Biodiversitass/Grupo Temático de Interpretação Ambiental. **Manual de Introdução à Interpretação Ambiental**. Belo Horizonte, 2002.

RONCHI, L. H.; LOBATO, A. O. C. (Org.) **Minas do Camaquã, um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo: UNISSINOS, 2000.

SATO, M. Debatendo os desafios da Educação Ambiental. Iº Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro. Anais. Rio Grande: FURG, 2001.

SATO, M. BIORREGIONALISMO: A educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**/Org. Luiz Antonio Ferraro Júnior. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

ANEXOS

Anexo A – Parte interna do folder

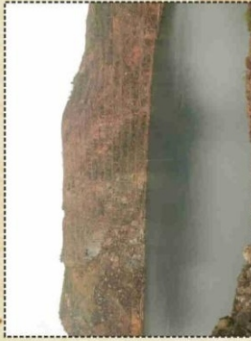


Pedra do Engenho

Localizada ao lado de antigas edificações utilizadas para o beneficiamento do cobre, é uma área com grande diversidade de cactáceas que se encontram sobre os afloramentos rochosos. Do alto da Pedra é possível avistar a Vila.

Vila Minas do Camaquã

Criada pelo Grupo Pignatari para atender as necessidades dos funcionários que trabalhavam na exploração. As edificações (casas, cinema, hospital, Igreja, clube, CTG) existem até hoje. No auge da mineração residiam na Vila em torno de 5 mil moradores, eram os funcionários da mina e suas famílias. As residências familiares foram construídas de acordo com o cargo ocupado.



Mina Uruguai

As Minas de extração de cobre compreendem duas áreas: a mina Uruguai a céu aberto, e a mina subterrânea São Luiz. Algumas galerias de acesso a Mina São Luiz encontram-se alagadas; pois há comunicação com a Mina Uruguai e a água acabou invadindo as galerias.



Entrada alagada



Entrada para Mina São Luiz



Barragem de rejeitos

Construída em 1981, local onde o rejeito de mineração era depositado. Ela fazia a retenção dos metais pesados na área de contenção e apenas libera a água em excesso, para o Arroio João Dias. Com o intuito de diminuir a erosão das margens a CBC plantou uma espécie de pinheiro.

Caso de Francisco Pignatari

Casa de Francisco Matarazzo Pignatari, conhecido como "Baby Pignatari". Construída em 1968, é a melhor casa da Vila. Faz parte da história da Vila, mas atualmente se encontra fechada.

Anexo B – Parte externa do folder

